

OS MISERÁVEIS

Victor Hugo



Com a França do século XIX como pano de fundo, «Os Miseráveis» conta uma apaixonante história de sonhos desfeitos, de um amor não correspondido, paixão, sacrifício e redenção, num testemunho intemporal da sobrevivência do espírito humano.

Victor Hugo

OS MISERÁVEIS

Título original: *Les Misérables* (1862)
Tradução: Francisco Ferreira da Silva Vieira (1851-1888)
2013 © Centaur Editions
centaur.editions@gmail.com

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE — FANTINE

LIVRO PRIMEIRO — UM JUSTO

- I — O abade Myriel*
- II — O abade Myriel torna-se Monsenhor Bemvindo*
- III — A bom bispo, mau bispado*
- IV — As palavras semelhantes às obras*
- V — Como Monsenhor Bemvindo poupava as suas batinas*
- VI — Quem guardava a casa do prelado*
- VII — Gravatte, o salteador*
- VIII — Filosofia de sobremesa*
- IX — O caráter do irmão descrito pela irmã*
- X — O bispo em presença de uma luz desconhecida*
- XI — Restrição*
- XII — Solidão de Monsenhor Bemvindo*
- XIII — Quais eram as crenças do bispo*
- XIV — O modo de pensar de Monsenhor Bemvindo*

LIVRO SEGUNDO — A QUEDA

- I — No fim de um dia de marcha*
- II — A prudência aconselha a sabedoria*
- III — Heroísmo da obediência passiva*
- IV — Pormenores sobre as queijeiras de Pontarlier*
- V — Tranquilidade*
- VI — Jean Valjean*
- VII — O interior do desespero*
- VIII — A onda e a sombra*
- IX — Novos agravos*
- X — O hóspede acordado*
- XI — O que ele faz*
- XII — O bispo trabalha*
- XIII — O pequeno Gervásio*

LIVRO TERCEIRO — EM 1817

- I — O ano de 1817*
- II — Quatro pares*
- III — A quatro e quatro*
- IV — A alegria de Tholomyés é tão grande que até canta uma canção espanhola*
- V — Em casa de Bombarda*
- VI — Capítulo consagrado ao amor*
- VII — Prudência de Tholomyés*
- VIII — Morte dum cavalo*
- IX — Alegre fim de festa*

LIVRO QUARTO — CONFIAR É POR VEZES ABANDONAR

- I — Encontro de duas mães*
- II — Primeiro esboço de duas figuras suspeitas*
- III — A Cotovia*

LIVRO QUINTO — A DESCIDA

- I — História de um melhoramento no fabrico dos vidrilhos pretos*

- II — Madelaine*
- III — Somas depositadas na casa Laffite*
- IV — O senhor Madelaine de luto*
- V — Vários clarões no horizonte*
- VI — Fauchelevant*
- VII — Fauchelevant torna-se jardineiro em Paris*
- VIII — A senhora Victurnien dispense trinta e cinco francos em favor da moral*
- IX — Bom êxito da senhora Victurnien*
- X — Continuação do bom êxito*
- XI — Christus nos Liberavit*
- XII — A ociosidade do senhor Barmatabois*
- XIII — Solução de algumas questões de polícia municipal*

LIVRO SEXTO — JAVERT

- I — Princípio de repouso*
- II — Como Jean se pode tornar Champ*

LIVRO SÉTIMO — O PROCESSO DE CHAMPMATHIEU

- I — A Irmã Simplícia*
- II — Perspicácia de mestre Scaufflaire*
- III — Tempestade num crânio*
- IV — Formas de sofrimento durante o sono*
- V — Concerto nas rodas*
- VI — A irmã Simplícia em provação*
- VII — Depois de chegar ao seu destino, o viajante predispõe-se para tornar a partir*
- VIII — Entrada de favor*
- IX — Um lugar onde se vão formar convicções*
- X — O sistema da negativa*
- XI — Champmathieu cada vez mais admirado*

LIVRO OITAVO — DESFORRA

- I — Em que espelho Madelaine contempla os cabelos*
- II — Fantine feliz*
- III — Javert satisfeito*
- IV — A autoridade readquire os seus direitos*
- V — Sepultura apropriada*

SEGUNDA PARTE — COSETTE

LIVRO PRIMEIRO — WATERLOO

- I — O que encontra quem vem de Wivelíes*
- II — Hougomont*
- III — O 18 de julho de 1815*
- IV — A*
- V — «O quid obscurum» das batalhas*
- VI — Quatro horas da tarde*
- VII — Napoleão de bom humor*
- VIII — O imperador faz uma pergunta ao guia Lacoste*
- IX — O imprevisto*
- X — A planura do Mont-Saint-Jean*
- XI — Mau guia para Napoleão, bom guia para Bulow*
- XII — A guarda*
- XIII — A catástrofe*
- XIV — O último quadrado*
- XV — Cambronne*
- XVI — Quot libras in duce?*
- XVII — Deve achar-se que Waterloo foi bom?*

XVIII — Recrudescência do direito divino

XIX — O campo de batalha durante a noite

LIVRO SEGUNDO — A NAU «ORION»

I — O número 24.601 torna-se o 9.430

II — Onde se leem dois versos cujo autor é talvez o diabo

III — De como era preciso que a grilheta tivesse passado por alguma operação preparatória para assim se quebrar com uma só martelada

LIVRO TERCEIRO — CUMPRIMENTO DA PROMESSA FEITA À MORIBUNDA

I — A falta de água em Montfermeil

II — Dois retratos completos

III — Vinho para os homens e água para os cavalos

IV — Entra em cena uma boneca

V — A pequena sozinha

VI — O que prova talvez a inteligência de Boulatruelle

VII — Cosette no meio da escuridão ao lado dum desconhecido

VIII — Desgosto de recolher em casa um pobre que é talvez rico

IX — Thenardier em exercício

X — Quem procura o melhor, às vezes encontra o pior

XI — Reaparece o número 9.430 e como Cosette o ganha na lotaria

LIVRO QUARTO — O CASEBRE DE GORBEAU

I — Mestre Gorbeau

II — Ninho de um mocho e de uma cotovia

III — Duas desgraças juntas fazem uma ventura

IV — No que repara a principal inquilina

V — Barulho que faz uma moeda de cinco francos caindo no chão

LIVRO QUINTO — PARA CAÇADA TENEBROSA MATILHA SILENCIOSA

I — Ziguezagues estratégicos

II — É uma felicidade passarem veículos pela ponte de Austerlitz

III — Veja-se a planta de Paris em 1827

IV — Evasão às apalpadelas

V — O que seria impossível com a iluminação a gás

VI — Princípio de um enigma

VII — Continuação do enigma

VIII — Complica-se o enigma

IX — O homem do guizo

X — Onde se explica como Javert bateu o monte e não encontrou caça

LIVRO SEXTO — O PETIT PICPUS

I — Rua Picpus, número 62

II — A obediência de Martin Verga

III — Severidades

IV — Alegrias

V — Distrações

VI — O pequeno convento

VII — Vários contornos desta sombra

VIII — Post corda lapides

IX — Um século sob um hábito

X — Origem de adoração perpétua

XI — O fim do Petit-Picpus

LIVRO SÉTIMO — PARÊNTESES

I — O convento considerado como ideia abstrata

II — O convento considerado como facto histórico

III — Sob que condição se pode respeitar o passado

- IV — O convento à luz dos princípios*
- V — A oração*
- VI — Bondade absoluta da oração*
- VII — Precauções que devem adotar-se na censura*
- VIII — Fé a lei*

LIVRO OITAVO — OS CEMITÉRIOS ACEITAM O QUE LHES DÃO

- I — Onde se trata do modo de entrar no convento*
- II — Fauchelevant na presença da dificuldade*
- III — Madre Inocência*
- IV — Onde Jean Valjean faz acreditar que leu Austin Castillejo*
- V — Não basta a embriaguez para se ser imortal*
- VI — Entre quatro tábuas*
- VII — Onde se encontra a origem da frase: «não perder a carta»*
- VIII — Interrogatório bem sucedido*
- IX — Clausura*

TERCEIRA PARTE — MÁRIO

LIVRO PRIMEIRO — PARIS ESTUDADO NA SUA MAIS TÊNUE PARCELA

- I — Parvulus*
- II — Alguns dos seus sinais particulares*
- III — Como é agradável*
- IV — Como pode ser útil*
- V — As suas fronteiras*
- VI — Fragmento de história*
- VII — O gaiato podia ocupar um lugar nas classificações da Índia*
- VIII — Onde se narra um dito galante do último rei*
- IX — A velha alma da Gália*
- X — Ecce Paris, ecce homo*
- XI — Escarnecer, reinar*
- XII — O futuro latente no povo*
- XIII — Gavroche*

LIVRO SEGUNDO — O VELHO BURGUEZ

- I — Noventa anos e trinta e dois dentes*
- II — Tal dono, tal casa*
- III — Lucas Espírito*
- IV — Aspirante centenário*
- V — Biscainho e Nicolette*
- VI — Onde se entrevê a Magnon e os seus dois pequenos*
- VII — Regra: Não receber ninguém senão à noite*
- VIII — Nem sempre dois fazem um par*

LIVRO TERCEIRO — O AVÔ E O NETO

- I — Um antigo salão*
- II — Um dos espectros vermelhos daquele tempo*
- III — Requiescat*
- IV — Fim do salteador*
- V — Utilidade de ouvir missa para vir a ser-se revolucionário*
- VI — Quanto vale ter encontrado um sacristão*
- VII — História de saias*
- VIII — Mármore contra granito*

LIVRO QUARTO — OS AMIGOS DO ABC

- I — Um grupo que esteve quase a tornar-se histórico*
- II — Oração fúnebre de Blondeau, por Bossuet*
- III — Surpresas de Mário*

IV — A sala interior do café Musain

V — Amplia-se o horizonte

VI — Rés Augusta

LIVRO QUINTO — EXCELÊNCIA DO INFORTÚNIO

I — Mário indigente

II — Mário pobre

III — Mário engrandecido

IV — O senhor Mabeuf

V — Pobreza, boa vizinha da miséria

VI — O substituto

LIVRO SEXTO — CONJUNÇÃO DE DUAS ESTRELAS

I — A alcunha: modos de formar nomes de família

II — Lux facta est

III — Efeitos da primavera

IV — Princípio de uma grave doença

V — Caem vários raios sobre «Mame» Bougon

VI — Mário prisioneiro

VII — Aventuras da letra U entregue a conjeturas

VIII — Até os próprios inválidos podem ser felizes

IX — Eclipsa

LIVRO SÉTIMO — PATRON-MINETTE

I — As minas e os mineiros

II — O «Bas-fond»

III — Babet, Gueulemer, Claquesous e Montparnasse

IV — Composição da quadrilha

LIVRO OITAVO — O MAU POBRE

I — Mário procura uma mulher de chapéu e encontra um homem de boné

II — Achado

III — Quadrifrons

IV — Uma rosa na miséria

V — O Judas da providência

VI — O homem bravio no seu covil

VII — Estratégia e tática

VIII — Um raio de luz nas trevas

IX — Jondrette quase que chora

X — Tarifa dos cabrioles de aluguer: dois francos por hora

XI — A miséria oferece-se para obsequiar a dor

XII — Em que foi empregada a moeda de cinco francos do senhor Leblanc

XIII — Solus cum solo, in loco remoto, non cogitabuntur orare pater noster

XIV — Onde um agente da polícia dá duas pistolas de algibeira a um advogado

XV — Jondrette efetua a compra de que falava

XVI — Onde se tornará a ouvir uma canção inglesa, que era moda em 1832

XVII — Emprego da moeda de cinco francos de Mário

XVIII — As duas cadeiras de Mário em frente uma da outra

XIX — Preocupações por causa de certos mistérios

XX — A cilada

XXI — De como deveria começar-se sempre por prender as vítimas

XXII — O pequeno que gritava na segunda parte

QUARTA PARTE — IDÍLIO NA RUA PLUMET E EPOPEIA NA RUA DE S. DINIZ

LIVRO PRIMEIRO — ALGUMAS PÁGINAS DE HISTÓRIA

I — Bem talhado

II — Mal cozido

III — Luís Filipe

IV — Fendas nos alicerces

V — Factos que dão origem à história e que a história ignora

VI — Enjolras e os seus ajudantes

LIVRO SEGUNDO — EPONINA

I — O campo da Cotovia

II — Formação embrionária dos crimes na incubação das prisões

III — Aparição ao tio Mabeuf

IV — Aparição a Mário

LIVRO TERCEIRO — A CASA DA RUA PLUMET

I — A casa misteriosa

II — Jean Valjean guarda nacional

III — «Foliis ac frondibus»

IV — Mudança de grade

V — A rosa descobre que é uma máquina de guerra

VI — Princípio da batalha

VII — Para tristeza, tristeza e meia

VIII — A cadeia

LIVRO QUARTO — O SOCORRO HUMANO PODE TORNAR-SE SOCORRO DO CÉU

I — Ferido por fora, restabelecido por dentro

II — A tia Plutarco não sente dúvida em explicar um fenómeno

LIVRO QUINTO — O FIM NÃO CONDIZ COM O PRINCÍPIO

I — Atração entre a solidão e o quartel

II — Sustos de Cosette

III — Auxílio dos comentários de Toussaint

IV — Um coração debaixo duma pedra

V — Cosette depois da carta

VI — Os velhos nasceram para sair de casa em ocasiões oportunas

LIVRO SEXTO — O PEQUENO GAVROCHE

I — Travessura do vento

II — Onde o pequeno Gavroche tira proveito de Napoleão, o Grande

III — As peripécias da evasão

LIVRO SÉTIMO — O CALÃO

I — Origem

II — Raízes

III — Calão que chora e calão que ri

IV — Os dois deveres: velar e esperar

LIVRO OITAVO — ENCANTOS E AMARGURAS

I — Luz plena

II — Atordoamento da felicidade completa

III — Princípio de sombra

IV — Um cão de improviso

V — Coisas da noite

VI — Mário torna-se positivo, a ponto de dizer a Cosette onde mora

VII — Um coração jovem em presença de um coração velho

LIVRO NONO — QUE DESTINO É O SEU?

I — Jean Valjean

II — Mário

III — O senhor Mabeuf

LIVRO DÉCIMO — O DIA 5 DE JUNHO DE 1832

I — A superfície da questão

II — O âmagô da questão

III — Um enterro: ocasião de renascer

IV — As efervescências de outrora

V — Originalidade de Paris

LIVRO DÉCIMO PRIMEIRO — O ÁTOMO CONFRATERNIZANDO COM O FURACÃO

I — Alguns esclarecimentos sobre a origem da poesia de Gavroche. Influência de um acadêmico sobre essa poesia

II — Gavroche em marcha

III — Justa indignação de um cabeleireiro

IV — A criança admirada do velho

V — O velho

VI — Recrutas

LIVRO DÉCIMO SEGUNDO — CORINTO

I — História de Corinto desde a sua fundação

II — Alegrias preliminares

III — Em que Grantaire principia a escurecer

IV — Tentativa de consolação à viúva Hucheloup

V — Preparativos

VII — O homem recrutado na rua dos Billetes

VIII — Muitos pontos de interrogação a respeito de um certo Le Cabuc, que não se chamava talvez assim

LIVRO DÉCIMO TERCEIRO — MÁRIO ENTRA NA SOMBRA

I — Da rua Plumet ao bairro de S. Diniz

II — Paris de noite

III — Últimas extremidades

LIVRO DÉCIMO QUARTO — A GRANDEZA DO DESESPERO

I — A bandeira vermelha arriada

II — A bandeira vermelha novamente hasteada

III — De como Gavroche teria feito melhor aceitando a carabina de Enjolras

IV — O barril de pólvora

V — Fim dos versos de Jean Prouvaire

VI — A agonia da morte após a agonia da vida

VII — Gavroche profundo calculista de distâncias

LIVRO DÉCIMO QUINTO — A RUA DO HOMEM AMADO

I — Indiscrição de um espelho

II — O gaiato inimigo das luzes

III — Enquanto Cosette e Toussaint dormiam

IV — Excesso de zelo de Gavroche

QUINTA PARTE — JEAN VALJEAN

LIVRO PRIMEIRO — A GUERRA ENTRE QUATRO PAREDES

I — O Charybdes do arrabalde de Santo António e o Scylla do arrabalde do Templo

II — Que se há de fazer no abismo senão conversar?

III — Luz e sombra

IV — Cinco de menos, um de mais

V — O horizonte que se avista do alto de uma barricada

VI — Mário desvairado, Javert, lacônico

VII — Agrava-se a situação

VIII — Os artilheiros fazem-se tomar a sério

IX — Emprego da habilidade de caçador furtivo e daquela pontaria certa que influi na sentença de 1796

X — Aurora

XI — Pontaria certa que não mata ninguém

XII — A desordem partidária da ordem

XIII — Clarões efêmeros

XIV — Onde se terá ocasião de saber o nome da amante de Enjolras

XV — Gavroche fora da barricada

XVI — De como o irmão se torna pai

XVII — «Mortuus pater filium moritorum expectat»

XVIII — O abutre convertido em presa

XIX — Vingança de Jean Valjean

XX — Os mortos têm razão e os vivos também

XXI — Os heróis

XXII — Palmo a palmo

XXIII — Orestes em jejum e Pílates embriagado

XXIV — Prisioneiro

LIVRO SEGUNDO — O INTESTINO DE LEVIATHAN

I — A terra empobrecida pelo mar

II — História antiga dos canos

III — Bruneseau

IV — Pormenores ignorados

V — Progresso atual

VI — Progresso futuro

LIVRO TERCEIRO — A LAMA, MAS TAMBÉM A ALMA

I — A cloaca e as suas maravilhas

II — Explicação

III — O homem perseguido

IV — Também ele carrega com a sua cruz

V — Existe na areia como na mulher certa finura pérfida

VI — O sorvedouro

VII — Às vezes naufraga-se onde se julga desembarcar

VIII — A aba do casaco rasgada

IX — Onde Mário passa por morto aos olhos de quem não é fácil de enganar

X — Regresso do filho pródigo

XI — Abalo no absoluto

XII — O avô

LIVRO QUARTO — JAVERT DESVAIRADO

I — Reflexões de Javert

LIVRO QUINTO — O AVÔ E O NETO

I — Onde se torna a ver a árvore da chapa de zinco

II — Onde Mário após a guerra civil, se prepara para a guerra doméstica

III — Mário ataca

IV — Onde Mademoiselle Gillenormand achou que os embrulhos de Fauchelevent nada tinham de inconvenientes

V — Como uma floresta pode ser mais segura depositária de dinheiro do que um tabelião

VI — Como os dois velhos, cada um a seu modo, empregam toda a sua diligência em tornar Cosette feliz

VII — Efeitos de sonho no meio da ventura

VIII — Dois homens impossíveis de descobrir

LIVRO SEXTO — A NOITE FOI PASSADA EM CLARO

I — O dia 16 de fevereiro de 1833

II — Jean Valjean continua de braço ao peito

III — A inseparável

IV — Combate sem fim

LIVRO SÉTIMO — A DERRADEIRA GOTA DO CÁLICE

I — O sétimo círculo e o oitavo céu

II — Escuridão que pode encerrar uma revelação

LIVRO OITAVO — O DECRESCIMENTO CREPUSCULAR

I — A sala de baixo

II — Retirada gradual

III — Recordações do jardim da rua Plumet

IV — A atração e a extinção

LIVRO NONO — NOITE ESCURÍSSIMA, BRILHANTE AURORA

I — Compaixão para os desgraçados, mas indulgência para os felizes

II — Derradeiro bruxulear da lâmpada

III — Uma pena pesada para quem levantou o carro de Fauchelevent

IV — Tinta que, em vez de escurecer, aclara

V — Noite, após a qual sucede o dia

VI — A erva esconde e a chuva apaga

NOTAS

Enquanto existir nas leis e nos costumes uma organização social que cria infernos artificiais no seio da civilização, juntando ao destino, divino por natureza, um fatalismo que provém dos homens; enquanto não forem resolvidos os três problemas fundamentais a degradação do homem pela pobreza, o aviltamento da mulher pela fome, a atrofia da criança pelas trevas; enquanto, em certas classes, continuar a asfixia social ou, por outras palavras e sob um ponto de vista mais claro, enquanto houver no mundo ignorância e miséria, não serão de todo inúteis os livros desta natureza.

Hauteville House, 1862

PRIMEIRA PARTE — FANTINE

LIVRO PRIMEIRO — UM JUSTO

I — O abade Myriel

Em 1815, era bispo de Digne o reverendo Carlos Francisco Bemvindo Myriel, o qual contava setenta e cinco anos de idade, e que desde 1806 ocupava aquela diocese.

Embora seja estranho ao enredo desta história, não será demais referir, ainda que não seja senão para sermos exatos, os diversos boatos e conversas que tinham circulado a seu respeito, quando da sua chegada à diocese. Verdade ou não, o que se diz a respeito dos homens, ocupa muitas vezes na sua vida e, muito mais, no seu destino, um lugar tão importante como o mesmo que eles têm.

Segundo se dizia, Carlos Myriel era filho de um juiz da Relação de Aix (aristocracia de toga) que, tendo-o destinado para sucessor do cargo que exercia, o casara muito novo ainda, apenas com dezoito ou vinte anos, como é costume em famílias pertencentes à magistratura.

Apesar de casado, Carlos Myriel, pequeno de estatura, mas de agradável presença, elegante e muito espirituoso, dera, ao que constava, bastante que falar de si, por continuar dedicando a sua existência aos prazeres mundanos. Rebentou a revolução e os acontecimentos precipitaram-se rapidamente; as famílias dos magistrados dizimadas, expulsas, perseguidas, fugiram. Logo nos primeiros dias da revolução, Carlos Myriel emigrou para Itália, onde sua mulher sucumbiu, devido a uma afeção pulmonar de que há muito sofria, deixando-o sem descendência. Que se passou depois disto na vida de Carlos Myriel? Dar-se-ia o caso da ruína da antiga sociedade francesa, a decadência da própria família, os trágicos acontecimentos de 93, talvez ainda mais pavorosos para os emigrados que os viam de longe aumentados pelo terror, lhe terem feito germinar no

espírito ideias de solidão e de renúncia? Teria sido no meio das afeições e distrações em que ocupava a vida, alcançado subitamente por algum desses terríveis e misteriosos golpes, que às vezes vão direitos ao coração e fazem derribar o homem que as catástrofes públicas, mesmo ferindo-lhe a existência e a fortuna, não seriam capazes de abalar? Era impossível dizê-lo; o que se sabia é que, quando regressou de Itália, vinha padre.

Em 1804, Carlos Myriel, já de idade avançada, era pároco da igreja de Brignolles e vivia na mais completa solidão.

Por ocasião da coroação teve de ir a Paris por causa de uma pequena pretensão, a que andava ligado o interesse da sua paróquia. Entre as pessoas de influência, cuja proteção solicitou em favor dos seus paroquianos, contava-se o cardeal Tesch. Num dia em que o imperador foi visitar seu tio, encontrou-se na passagem com o digno eclesiástico, que aguardava na antecâmara ocasião oportuna para ser admitido à audiência. Napoleão, notando a insistência com que aquele velho o observava, voltou-se de repente e perguntou:

— Quem é este homem que não deixa de olhar para mim?

— Sire — disse Myriel — Vossa Majestade reparou num pobre insignificante, eu olho para um grande homem. Podemos ambos aproveitar.

Nessa mesma noite, o imperador perguntou ao cardeal o nome do abade e, pouco tempo depois, Carlos Myriel, surpreso, recebeu a notícia de que havia sido nomeado bispo de Digne.

Até que ponto, porém, era verdade o que se dizia relativamente à primeira parte da existência daquele homem? Ninguém o sabia, porque poucas famílias haviam conhecido a dele antes da revolução.

Apesar de bispo e mesmo por o ser, Myriel teve de resignar-se à sorte de todas as pessoas que chegam a uma cidade pequena, onde é maior o número de bocas que falam do que cabeças que pensam. No fim de tudo, porém, as conversas em que o seu nome andava envolvido, não passavam de boatos.

Fosse como fosse, decorridos nove anos de episcopado e de residência em Digne, todos esses mexericos, que nos primeiros tempos são o objeto constante

das conversas entre o povo das terras pequenas, caíram em tão profundo esquecimento, que já ninguém ousava repeti-los, nem sequer recordar-se deles.

O reverendo Myriel veio para Digne acompanhado de sua irmã Baptistina, mais nova do que ele dez anos e uma criada da mesma idade da irmã, chamada Magloire, a qual passara a exercer as duplas funções de criada grave da senhora e dispenseira do novo bispo.

Alta, magra, pálida, delicada e afável, Baptistina, embora se não pudesse chamar o tipo da mulher veneranda, porque para isso era necessário que fosse mãe, realizava, todavia, a mais completa expressão da palavra *respeitável*. Nunca fora bonita, mas a sua existência, que se resumia numa longa série de obras de caridade, revestira-se, por fim, de uma espécie de alvura luminosa que lhe dava, depois de velha, aquilo a que poderemos chamar a *beleza* da bondade. O que na sua mocidade fora magreza, tornou-se na velhice em transparência, através da qual, como de um véu, se entrevia um anjo. Era em si mesma mais que uma virgem, era uma alma. O seu vulto parecia feito de sombra; apenas o corpo necessário para determinar o sexo; era pequena porção de matéria contendo uma chama celeste; olhos grandes e sempre fitos no chão, um pretexto para uma alma andar na terra.

Magloire era uma velhinha baixa e muito gorda, sempre atarefada, sempre arquejante, não só por efeito da sua muita atividade, mas em consequência dos seus padecimentos asmáticos.

Apenas chegou a Digne, o novo prelado tomou posse do palácio episcopal, com todas as honras concedidas pelos decretos imperiais, que classificam o bispo imediatamente após o marechal de campo. O *maire* e o presidente foram logo cumprimentá-lo, e ele, por sua vez, fez o mesmo ao general e ao prefeito.

Depois de ver o novo prelado estabelecido no governo espiritual da diocese, a cidade esperou pelos seus atos.

II — O abade Myriel torna-se Monsenhor Bemvindo

O paço episcopal de Digne estava situado junto do hospital, era um vasto edifício de pedra de cantaria, mandado construir no princípio do século passado por Monsenhor Henrique Puget, doutor em teologia pela faculdade de Paris, abade de Simore e bispo de Digne em 1712.

Este edifício era um verdadeiro domicílio senhorial, em que tudo respirava grandeza; os aposentos particulares do bispo, os salões, os quartos, o amplo pátio de recreio com o seu claustro em volta, segundo a antiga moda florentina e as magníficas árvores do jardim.

Na sala de jantar, uma extensa e sumptuosa galeria no rés do chão, cujas janelas davam para os jardins, tivera lugar o solene banquete oferecido pelo bispo Puget em 29 de julho de 1714, ao arcebispo príncipe de Embrun, Carlos Brulaít de Genlis, António de Mesgrigny, capuchinho, bispo de Grasse, Filipe de Vendome, grão-prior de França, abade de Santo Honorato de Lérins, Francisco de Berton de Grillon, bispo-barão de Vence, César de Sabran de Forcalquier, bispo e senhor de Glandeve e a Jean Soanen, da congregação do oratório, pregador ordinário do rei e bispo e senhor de Senez.

A sala achava-se decorada com os retratos destes sete reverendos personagens e em cima de uma mesa de mármore branco via-se gravada em letras de ouro a memorável data de 29 de julho de 1714.

O hospital era um pequeno edifício de um só andar, com um jardimzinho.

Três dias depois da sua chegada, o bispo foi visitar o hospital. Terminada a visita, pediu ao diretor que o acompanhasse ao paço.

— Senhor diretor — perguntou-lhe — quantos doentes tem a seu cargo?

— Vinte e seis, Monsenhor.

— Foi os que contei — disse o bispo.

— As camas estão muito apertadas e juntas.

— Também reparei nisso.

— As enfermarias são muito pequenas e têm falta de arejamento.

— Também me pareceu.

— E o jardim mal chega para os convalescentes passearem quando está bom tempo.

— Assim é, com efeito.

— Em ocasiões de epidemias, como este ano, em que houve muitos casos de tifo, não sabemos como acomodar os doentes.

— Também me ocorreu isso.

— Mas, senhor bispo, não podemos fazer outra coisa senão resignarmos — concluiu o diretor.

Esta conversa desenrolava-se na sala de jantar ou galeria do andar térreo.

Após um momento de silêncio, o bispo voltou-se de repente para o diretor e perguntou-lhe:

— Quantas camas lhe parece que poderão caber nesta sala?

— Na sala de jantar de V. Ex.^a?! — exclamou o diretor, estupefacto.

Entretanto, o bispo correu a vista pela sala, como quem mede e calcula as distâncias e disse como que falando consigo próprio:

— Podem aqui caber vinte camas à vontade! — E em seguida acrescentou, elevando a voz: — Senhor diretor, é evidente que há aqui um grande erro. O senhor tem vinte e seis pessoas em cinco ou seis quartos pequenos. Nós aqui somos três e temos lugar para sessenta. Repito que há erro! O senhor ocupa a minha casa e eu vou ocupar a sua. Façamos, pois, a troca.

No dia seguinte, os vinte e seis pobres que naquela ocasião estavam doentes, eram transportados para o paço episcopal e o bispo mudava a sua residência para o hospital.

Myriel não possuía bens de fortuna, pois a revolução arruinara completamente a sua família. A irmã tinha uma pensão vitalícia de quinhentos francos, a qual, enquanto Myriel fora pároco, bastava às suas despesas pessoais, e ele, como bispo, recebia do Estado uma dotação de quinze mil francos. No mesmo dia em que fixou a sua residência na casa que era dantes o hospital,

determinou duma vez para sempre o emprego desta quantia, escrito pelo seu próprio punho da seguinte maneira:

Distribuição das despesas da minha casa:

Para o seminário: 1500 francos

Congregação da missão: 100 francos

Para os lazaristas de Montdidier: 100 francos

Seminário das missões estrangeiras em Paris: 200 francos

Congregação do Espírito Santo: 150 francos

Estabelecimentos religiosos da Terra Santa: 100 francos

Sociedades de caridade maternal: 300 francos

Para a de Aries: 50 francos

Para melhoramentos das prisões: 400 francos

Para socorro e livramento de presos: 500 francos

Para livramento de pais de famílias presos por dívidas: 1000 francos

Gratificações aos mestres pobres da diocese: 2000 francos

Para socorro dos pobres dos Altos-Alpes: 100 francos

Congregação das irmãs de Digne, de Manosque e de Sisteron, para o ensino gratuito

das raparigas indigentes: 1500 francos

Para os pobres: 6000 francos

Para a minha despesa pessoal: 1000 francos

Total: 15000 francos

Durante todo o tempo do seu episcopado, o virtuoso prelado não fez a menor alteração nestas disposições, a que ele, como se viu, dava o nome de *distribuição das despesas da minha casa*.

Baptistina aceitou com a mais completa submissão a vontade do irmão. Para a virtuosa senhora, Myriel era não só seu irmão, mas seu bispo, seu amigo

segundo a natureza, seu superior segundo a igreja. Amava-o e venerava-o inteira e simplesmente. Obedecia, quando ele ordenava e adería às suas menores vontades sem fazer a mais leve observação. A criada Magloire é que não se conformou inteiramente com semelhante distribuição, por ver que o bispo só reservava para si mil francos, os quais, reunidos à pensão de Baptistina, perfaziam a soma de mil e quinhentos francos anuais, único rendimento com que os três tinham de viver.

E não só viviam, com efeito, como até quando algum pároco de aldeia vinha à cidade, o bispo ainda achava modo de hospedá-lo, graças à severa economia de Magloire e à inteligente administração de Baptistina.

Uma ocasião, três meses decorridos, depois da sua chegada a Digne, o bispo disse:

— Apesar de tudo, sabe Deus como eu vivo constrangido!

— Isso vejo eu! — exclamou Magloire. — Se Monsenhor nem ao menos requisitou à Câmara o subsídio que foi sempre costume dar aos bispos, para despesas na cidade e gastos de jornadas nas visitas do bispado!

— Parece-me que tem razão, Magloire — disse o bispo.

E fez a reclamação.

Passado algum tempo, a Câmara, tomando em consideração o seu requerimento, votava-lhe a quantia anual de três mil francos, sob a seguinte rubrica: *Subsídio ao senhor bispo para prover às despesas de estado e às das visitas pastorais.*

Não foi preciso mais para excitar as conversas da burguesia local, e para que, por essa ocasião, um senador do império, antigo membro do Conselho dos Quinhentos, partidário do dezoito brumário e provido numa pingue senatoria nas proximidades da cidade de Digne, escrevesse ao ministro dos cultos, Bigot de Préameneu, uma carta confidencial em termos irritados, da qual extraímos as seguintes linhas, cuja autenticidade garantimos:

Carruagem para quê? Quererá andar de carruagem numa cidade que não chega a ter

quatro mil habitantes? Despesas com a visita ao bispado? Em primeiro lugar, de que servem tais visitas? Em segundo lugar, como quer ele andar de carruagem numa terra montanhosa como esta, onde nem estradas há e só a cavalo se pode transitar? Se nem sequer a ponte de Duranc em Château-Arnoux, dá passagem a não ser a algum carro de bois? Os padres são todos assim, ávidos e avaros! Este, quando chegou aqui, apresentou-se como bom apóstolo; agora mostra-se como todos os outros, já precisa de carruagem, não dispensa o luxo dos bispos. Súcia de padrecas! Asseguro-lhe, senhor conde, que enquanto o imperador não nos livrar desta praga de carolas, as coisas não tomarão bom rumo. Abaixo o Papa! (Nesta época as relações com a Santa Sé andavam complicadas). Eu sou por César e só por César! etc, etc.

A concessão que tanto incomodou o senador, encheu de júbilo Magloire.

— Ora graças a Deus! — disse ela a Baptistina. — O senhor bispo começou a caridade pelos outros, mas lembrou-se, enfim, também de si. Agora já temos três mil francos.

Nesse mesmo dia, o bispo entregou a sua irmã uma nota concebida do seguinte modo:

Despesas para carruagem e visitas ao bispado:

Para dar caldo de carne aos doentes do hospital: 1500 francos

Para a Sociedade de Caridade Maternal de Aix: 250 francos

Para a Sociedade de Caridade Maternal de Draguignan: 250 francos

Para os enjeitados: 500 francos

Para os órfãos: 500 francos

Total: 3000 francos

Tal era o orçamento do bispo Myriel. Quanto aos rendimentos eventuais, como dispensas de proclamas, bênçãos de igrejas ou capelas, casamentos,

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Os Miseráveis [com índice ativo]" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).